

## **Identidade e Comida: Uma Análise Das Sociabilidades e Encontros Interculturais na Festa de Nossa Senhora Achiropita – SP.<sup>1</sup>**

João Renato de Souza Coelho BENAZZI<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Nesse trabalho foi analisada a festa de Nossa Senhora Achiropita, no bairro do Bixiga, em São Paulo, SP, com o objetivo de compreender de forma aprofundada qual o projeto de identidade materializado no discurso e nas práticas dos voluntários que a realizam, os equipistas. Partindo de herança de italianidade à brasileira os processos de identificação dos descendentes de imigrantes italianos em São Paulo encontram na comida, na música, na convivialidade e num estilo peculiar pontos importantes de apoio na construção de tal discurso. A festa, por meio de seus organizadores e dos equipistas mobilizam ativamente tais elementos do discurso mas o fazem a partir de uma visão intercultural da comunicação e da construção de identificações.

**Palavras-chave:** culturas urbanas; identidade; sociabilidade; festa; comunicação.

### **Introdução e problematização**

Posiciono esta pesquisa no debate sobre interculturalidade e multiculturalismo contemporâneos (ELHAJJI, 2007) a partir da análise de um tipo particular de evento de consumo de comida. Para servir a este debate especializado opto pela investigação de evento em que a comida possui marcante caracterização étnica, um estilo característico e cuja significação lhe sirva como marcadora de identidades hibridizadas (CANCLINI, 2004), hifenizadas (LESSER, 2001) e, nos termos de Elhajji (2008), transnacionais, cujo exemplo marcante seria o de comunidades de imigrantes e seus descendentes. Parto também da perspectiva de Anderson (2008) quando examina a ascensão do sentimento nacional e reconhece que o nacionalismo capta e expressa sentimentos, subjetividades, ideais, esperanças e preconceitos e aponta que as comunidades nacionais podem ser imaginadas. Se a identidade nacional prescinde da fixação geográfica, ela pode assumir significados diversos, mobilizar representações variadas na construção da argumentação de seu discurso de identidade. A partir de objeto de consumo tão intenso em simbolismos para o imaginário como a comida e do recorte sobre festividades marcadas por caráter étnico e pelo consumo de sua comida, examino a problematização da identidade cultural brasileira na contemporaneidade e as variadas formas de se lidar com o processo de globalização em curso, focalizando em seus aspectos culturais. O objetivo é descrever as novas modalidades e formas de enunciação de suas identificações, lealdades e pluripertencimentos (ELHAJJI,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [jbenazzi@gmail.com](mailto:jbenazzi@gmail.com).

2012). As festas, por serem locais de trocas e de redes, são aqui compreendidas como expressões culturais que põem em evidência a face transnacional das identificações associadas, já que mobilizam ativamente pluripertencimentos. Estas considerações podem ser condensadas nas seguintes questões de pesquisa: Como se inscreve a festa de Nossa Senhora Achiropita na narrativa de italianidade contemporânea paulistana? Como podemos compreender esta festa de celebração étnica e religiosa centrada na produção e consumo de comida como encontro de negociação de suas identificações?

A problemática da qual parte a pesquisa diz respeito às negociações por pertencimento lançadas por grupos que não são migrantes recém-estabelecidos no Brasil; pelo contrário, são grupos que, embora mobilizem de forma variada argumentos de etnicidade em seus discursos de identificação (BAUMANN, 2010), estão há pelo menos mais de uma geração no Brasil. Para Baumann (2010), diferentes comunidades mobilizam de forma diversa os recursos que possuem para construir uma narrativa de identidade a partir de seus projetos de identidade (VELHO, 2013a). Fatores como etnia, religião e filiação a um estado nacional se mesclam em um complexo jogo na arena política e na construção de significados de pertencimento associados a tal dinâmica. Mesmo assim, os objetos de pesquisa escolhidos (os encontros nas festas, sua comida, as redes e trocas que ali ocorrem) manifestam ecos das tradições dos ancestrais imigrantes e permanecem se valendo de tais aspectos em seus discursos, usando-os como recursos, nos termos de Yúdice (2004) e a partir da noção de campo de possibilidades (VELHO, 2013c).

### **A festa, sua estrutura e história**

Este trabalho apresenta a primeira parte dos resultados de pesquisa realizada sobre a festa de Nossa Senhora Achiropita (NSA) se inicia com a apresentação da festa de NSA, da forma como ela é organizada e dos voluntários que ali trabalham. No campo, me vali da observação participante e da reflexão sobre o trabalho de campo etnográfico.

A festa de NSA é organizada pela Igreja de NSA, localizada no bairro do Bixiga, na cidade de São Paulo, estado de São Paulo, bairro famoso por ter sido durante décadas sinônimo de localização de grande comunidade de italianos imigrantes em São Paulo, sendo até hoje marcado por tal imagem. A Igreja de NSA é mantida pela ordem dos orionitas e a festa é organizada em prol da Pequena Obra da Divina Providência Orionita da Igreja de NSA, hoje liderada pelo padre Paulo Sérgio Correia. A forma da festa e de sua organização hoje tem origem, mais especificamente na construção da primeira capela em homenagem a NSA, exatamente no mesmo lugar em que está hoje a Igreja de NSA. A imagem de NSA

começou a ser venerada em São Paulo na casa de particulares italianos imigrantes desde que chegaram a São Paulo, mas a festa em sua homenagem iniciou-se em 1908 na Rua Treze de Maio, mesma rua em que está hoje a Igreja de NSA. No número 100 foi erguido um altar de madeira e nos dias 13, 14 e 15 de agosto de 1908 lá foram celebradas missas e festas com o intuito de arrecadar fundos para a construção de uma capela. Após a construção da capela se seguiram as festas anuais no formato de quermesse para viabilizar a construção de uma igreja maior. Ainda hoje a festa, embora tenha crescido muito, mantém o espírito de quermesse do interior com barracas de comida e brinquedos para crianças típicos de festa do interior, como carrossel, jogo de argolas, tiro com espingarda de ar comprimido, pescaria, dentre outros. Até a Segunda Guerra Mundial – quando as festas foram suspensas em virtude da perseguição aos italianos pelo governo brasileiro – a festa ocorria com banda de música (os Bersaglieri, vindos da Itália), sorteios de prendas doadas, leilões de carroças de madeira, um pau de sebo e já com a procissão de NSA e de Nossa Senhora da Ripalta. Durante a guerra apenas as cerimônias religiosas foram mantidas, inclusive a procissão. A partir dos anos 1950, a festa passou a ser ornamentada com cordões de lâmpadas e fitas nas cores da bandeira italiana (tradição que se mantém até hoje), surgiram as primeiras barracas de rua para sorteios sob responsabilidade de associações religiosas ligadas à Igreja de NSA e apareceu a primeira barraca de comida, que vendia sanduíches de pernil. De 1975 em diante, as barracas de comida passaram a ser abastecidas com pratos de doces e salgados que as famílias da comunidade doavam e a festa passou a ser realizada atrás da atual igreja, em mesas espalhadas pelo pátio no terreno anexo à igreja.

Em 1980 e por causa de seu crescimento contínuo, a festa obteve autorização da prefeitura para ocupar as ruas do entorno, cresceu mais ainda e se tornou progressivamente mais organizada. A comissão organizadora, espécie de comitê de fiéis criado em torno e sob a liderança do padre responsável pela Pequena Obra da Divina Providência Orionita da Igreja de NSA, assumiu maior importância na sua condução e nos preparativos, tornando-se um embrião da comissão organizadora atual. A comissão atual é composta por oito casais coordenadores que ocupam funções bem definidas na festa (a gestão das equipes de gestão financeira, de logística, de produção, de segurança, de comunicação e relações públicas, da Cantina Achiropita, de funcionamento das barracas e de voluntários/equipistas) e se reportam ao padre Paulo Sérgio Correa. Cada um dos casais coordenadores possui sua própria equipe de voluntários que trabalha nas funções relacionadas aos objetivos de sua equipe (gestão financeira, de logística e demais, conforme exposto acima). A organização

da festa é, portanto, por função, na medida em que cada casal coordenador e sua equipe se encarregam de um grupo de atividades relativamente especializadas. Por isso os voluntários que trabalham na festa e em seus preparativos são nomeados (e se aut nomeiam!) equipistas, porque compõem equipes. Ainda nos anos 1980, quando a festa contava com 13 barracas de comida e cerca de 200 voluntários, foi criada a hoje famosa *fogazza*, um tipo de *calzone* (pizza de massa de pão, fechada) com recheio de *mozzarella* e molho de tomate, mas que, após ser fechada, é frita. É também da década de 1980 a criação do embrião da Cantina Madonna Achirópita, a parte da festa que é fechada, com mesas e cadeiras para todos os comensais e para a qual se cobram ingressos para se ter acesso. É também dessa época o início do sorteio de dois queijos provolone de cerca de 100 quilos, outro símbolo da festa. A partir dos anos 1990, a festa se organizou mais e montou sua atual rede de parceiros, fornecedores, patrocinadores, colaboradores e benfeitores, tendo se tornado a mãe de todas as festas de comida de rua do estado de São Paulo, principalmente pelo seu tamanho e grau de organização. Em 2014 a organização da festa estimou que mais de 200 mil pessoas visitaram suas 30 barracas, operadas por mais de mil voluntários durante o mês de agosto. Em 2014 foi organizada a 88ª edição do evento, quando foi realizada a etapa da pesquisa de campo desta tese. A festa ocorre anualmente aos sábados e domingos do mês de agosto, sempre durante cinco finais de semana, o que faz com que eventualmente avance pelo primeiro final de semana de setembro, como ocorreu em 2012. O mês de agosto é lembrado por equipistas tanto como o mês em que se comemora a Ascensão de Nossa Senhora quanto o *Pranzo di Ferragosto* na Itália, festa que marca, com almoço em família, o auge do verão no hemisfério norte, o que compõe parte importante da narrativa sobre a festa e seu caráter ítalo-brasileiro e religioso.

O objetivo principal da festa é arrecadar recursos financeiros para as obras sociais da Paróquia de NSA. Tais obras são o Centro Educacional Dom Orione (CEDO – para educação de crianças e adolescentes de baixa renda do Bixiga e cercanias), a Casa Dom Orione, a Casa Rainha da Paz, a Creche Mãe Achirópita, a Casa São José e a própria Igreja de NSA. Dentre tais obras, o CEDO, a Creche Mãe Achirópita e a Casa São José têm entre suas atividades principais o fornecimento de alimentação durante todo o ano e refeições diárias para as crianças e para a Casa São José. Esta última tem como objetivo principal o acolhimento de idosos e população de rua através do fornecimento de alimentação diariamente, sem, no entanto, oferecer alojamento. A paróquia possui, no entorno da igreja, quatro cozinhas de formato industrial para produzir grande quantidade diária de refeições

completas e entregar em quatro grandes refeitórios a comida ali produzida para seus públicos. São essas mesmas cozinhas de grande capacidade de produção que são mobilizadas para preparar fartas quantidades de massas diversas e outros itens que abastecem as barracas durante a festa. Durante os meses de funcionamento normal (fora do mês de agosto e dos dias de festa), os trabalhos ligados à alimentação de adultos consomem certamente a maior parte dos esforços daqueles envolvidos nas atividades da paróquia e a maior parte dos recursos financeiros arrecadados durante a festa. Assim, a alimentação gratuita de adultos é considerada a atividade mais importante a que a paróquia se dedica na casa São José. Tal atividade mantém o emprego de cerca de 50 funcionários, encarregados do trabalho nas cozinhas durante o ano todo; tais funcionários são os únicos, dentre os mais de mil equipistas, que não são voluntários na festa.

A festa acontece nas ruas que cercam a paróquia e se divide em duas grandes atividades: a Cantina Achiropita e a festa de rua. A Cantina Achiropita é uma festa fechada para a qual são cobrados ingressos. Ela ocorre em um grande salão paroquial, localizado logo atrás da Igreja de NSA, no qual cabem cerca de 200 pessoas sentadas em mesas coletivas longas, como preconiza a narrativa de italianidade no Brasil. A comida é servida em sistema de *buffet* e há música ambiente tocada sempre pelo mesmo conjunto, cujo repertório é composto de músicas conhecidas no Brasil como canções tradicionais italianas. É a banda Felice Itália, que também se apresenta em outras festas da comunidade ítalo-brasileira em São Paulo, como na festa de São Genaro. A festa na cantina é frequentada principalmente por famílias ligadas à Igreja de NSA, da comunidade ítalo-paulistana e da comunidade do entorno da festa (principalmente residentes da Bela Vista), e o preço dos ingressos é relativamente alto, R\$ 70,00 por pessoa para uma noite. As festas na cantina e na rua ocorrem exatamente nos mesmos dias, todos os sábados e domingos do mês de agosto. Uma diferença adicional importante é a variedade de comidas servidas na cantina e o serviço realizado. Há garçons e garçonetes em trajes típicos com as cores da bandeira italiana (verde, vermelho e branco) para servir bebidas. O *buffet*, do qual os festeiros da cantina podem se servir à vontade, possui sortimento de saladas diversas, massas, carnes e sobremesas, todas ao estilo culinário italiano. As mesas estão cobertas por toalhas de pano também com as cores da Itália, os pratos são de louça e os talheres são de metal. Nos intervalos de descanso da banda são tocadas músicas italianas em *playback* gravadas pela própria banda ou canções italianas populares, no Brasil, cantadas em italiano.

Mas é na festa de rua que foram concentrados os esforços desta pesquisa.

### **Sociabilidade e identidade italiana (à brasileira) na barraca do espaguete**

Em cada dia de festa o trabalho dos equipistas começa pelo menos três horas antes do início da festa com a preparação prévia de diversos itens comestíveis, das instalações da Cantina Achiropita e das barracas de comida, dos brinquedos e dos equipamentos de distribuição dos alimentos produzidos nas cozinhas para as barracas. O início oficial da festa sempre ocorre com uma oração comunitária em louvor a Nossa Senhora e a NSA (duas orações diferentes). Nesta ocasião, o sistema de comunicação por alto-falantes que alcança todas as ruas onde a festa ocorre é chave na comunicação. O locutor do sistema de alto-falantes convoca todos os equipistas a saírem das barracas e a darem as mãos em uma grande corrente humana por toda a festa. Em seguida realiza as orações. Diversos avisos são veiculados também, como os horários das missas e bênçãos durante a festa daquele dia. O locutor agradece a diversos públicos diferentes: os parceiros institucionais da festa, os equipistas, os casais que lideram cada grupo de equipistas, os festeiros que já se encontram na festa, os benfeitores e os doadores. Ao sinal da convocação para a oração de abertura todos os equipistas saem de suas barracas e de outros pontos (da igreja, do salão paroquial, da Cantina Achiropita, das áreas de apoio, das cozinhas setoriais) e vão para a rua se dar as mãos e rezar juntos. Ao final da oração todos batem palmas, se abraçam muito contentes e, uns aos outros, fazem votos de boa festa. São muitos abraços trocados, pois cada equipista abraça cada um dos outros equipistas que encontra pela frente e os abraços são afetuosos: não são abraços protocolares entre meros conhecidos. Expressam, na interação face a face, do elo que os une enquanto grupo de escolha. A oração de abertura da festa é, assim, um ritual que se repete a cada dia de festa e é uma ocasião em que o grupo de equipistas reafirma vários atributos e compromissos relativos a sua comunidade de pertença e de escolha, nos termos de Baumann (2001).

É também, nos termos de Maffesoli (2009, p. 85), “uma boa oportunidade para vibrar juntos”. Ou, ainda, nos termos de Maffesoli (2009, p. 80): “O imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo. Partilha-se uma filosofia de vida, uma linguagem, uma atmosfera, uma idéia de mundo, uma visão das coisas, na encruzilhada do racional e do não racional.”

A oração de abertura da festa é, portanto, a afirmação identitária dos equipistas, em que eles comemoram e cimentam seus vínculos no auge de todo um processo que se repete anualmente e no qual eles seguem se engajando. A cada ano tornam a escolher participar da festa, reafirmando seus vínculos de escolha. Emocionados, veem na oração de abertura um

momento de religação (de *religare*, etimologia de religião), de cimentar seus vínculos, de orgulhosamente viver seu modo de vida. Outra vez, para Maffesoli (2009, p. 61), “se trata [...] de uma oportunidade de entrar em comunhão e, eventualmente, em transe”. Cabe aqui também reafirmar o entendimento de que, no aspecto imaginal, é exatamente o estar junto, o compartilhar das imagens abstratas – sobre si, sobre os outros e sobre o nós - que se faz revelador, tal como, e mais uma vez, afirma Maffesoli (1995), que a força do imaginal está exatamente na sua força de atração, no estar com o outro e fazer com e pelo outro.

O primeiro elemento que se destaca, numa observação realizada antes do início da festa, é todo o trabalho de logística de alimentos e equipamentos ligados à produção de comida, por um lado, e dos preparativos para a festa e de sua estrutura de atendimento, por outro lado. Começamos pela estrutura. Cada barraca é especializada em produzir, vender, entregar e acomodar os festeiros para alimentação, mas cada barraca se dedica a um só prato. Assim, a festa pode ser entendida como uma festa descentralizada em sua estrutura, tanto de produção como de venda e de atendimento aos comensais. Apenas com o objetivo de contrastar esse ponto, numa visita à festa de San Genaro, no Brás, em outubro de 2012, pude constatar que ela é centralizada na venda, mas não na distribuição e no atendimento, causando grande transtorno aos visitantes. Na festa de San Genaro era necessário adquirir o *ticket* em um caixa central, com gigantescas filas, e, em seguida, entrar em nova longa espera na fila da barraca de comida para receber o prato e então seguir para uma única área de balcões de alimentação, também lotada, para aguardar espaço para pousar o prato e se alimentar, ou então optar por comer segurando o prato na mão.

A descentralização da festa de NSA traz vantagens diversas do ponto de sua organização. O festeiro não apenas entra em uma fila para pagar e receber seu alimento, economizando seu tempo, como as áreas de balcão de alimentação estão distribuídas por todas as ruas onde a festa é realizada, o que torna mais fácil encontrar lugares vagos para se alimentar pousando o prato com a comida. Há uma organização da festa de rua em torno do modelo da linha de montagem e não do trabalho artesanal. A organização física da festa em barracas separadas, o planejamento minucioso dos locais e a distribuição espacial planejada das filas e sua gestão, a logística de fornecimento contínuo de alimentos durante a festa para as barracas, a atuação contínua das equipes encarregadas de retirar o lixo, a presença eloquente, atenta e calma das equipes de segurança, a ubiquidade do sistema de comunicação por alto-falantes, dentre outros, denotam o alto grau de planejamento articulado e flexível de tantas atividades e mostram o resultado de longa e intensa

preparação de todos os envolvidos na produção da festa. É, certamente, o modo de produção de massa em operação numa festa de comida de rua. E dadas as suas proporções, quer pelos 200 mil visitantes na edição do mês de agosto de 2014, quer pelos mais de mil voluntários envolvidos, quer ainda pelo volume de alimentos consumidos e trabalhados, pelo lixo gerado ou ainda pelas alterações nas circunvizinhanças da festa, os impactos são tanto amplos e disseminados quanto complexos em seu planejamento prévio e capacidade de articulação durante a realização da festa.

Cada barraca de comida tem uma área de fila de espera para pagamento e atendimento, que é organizada por meio de grades que fazem a fila ocupar menos espaço e ser mais compacta, porque fazem a fila serpentear de forma compacta. A fila, portanto, é organizada para que os festeiros adquiram o *ticket* e, em seguida e na mesma fila, sejam atendidos na barraca e recebam a comida adquirida. Dentro de cada barraca estão, portanto, os voluntários que desempenham a função de caixa e os que se encarregam de preparar e entregar a comida. Aos sábados à noite, quando as filas atingem seu ápice em número de festeiros, os “meninos da fila” ajudam em sua organização e manutenção. Os “meninos da fila” são jovens rapazes equipistas que normalmente ficam no final da fila de festeiros, imediatamente antes do caixa, ou seja, do ponto em que o festeiro compra seu *ticket*, sentados em cima da barra, e são eles que autorizam o primeiro festeiro da linha a ir ao encontro do caixa. Nos dias em que as filas ficam grandes demais e ultrapassam o final da área de grades os “meninos da fila” aparecem com rolos de fitas de sinalização listradas de amarelo e preto e usam as fitas no lugar das grades para manter o início da fila organizada. Os “meninos da fila” estão sempre com fones de ouvido e rádios de comunicação pendurados no pescoço, de modo que se comunicam uns com os outros para agir articuladamente na manutenção da fila excedente. Portanto, cada barraca, de seu lado externo (onde circulam os festeiros), constitui um sistema dinâmico de gerenciamento do atendimento na forma da fila, de sua disposição física e de sua organização. Para manter a fila funcional há a divisão de tarefas entre “meninos da fila”, que contam com o auxílio das grades e dos sistemas de comunicação para a integração das ações. Nota-se a grande ênfase no planejamento da estrutura de gestão da fila, quer no aluguel das grades e sua disposição prévia à festa, em lugares e de forma meticulosamente planejada, quer no treinamento e na prontidão dos “meninos da fila”.

Dentro de cada barraca outra parte da linha de montagem está em operação, a linha de produção da comida e o sistema de pagamento e controle. Os dois sistemas operam de



modo rápido (a fila está sempre em movimento, por mais longa que seja) e flexível. Além da fila de atendimento dos festeiros existe uma segunda fila de prioridades: nela gestantes, pessoas de mais idade e com deficiência são atendidas sem necessidade de ir para a fila comum. Ocorre que uma terceira fila também existe: a fila para equipistas e públicos prioritários (bombeiros e policiais que estão de serviço na festa, principalmente). A segunda e a terceira filas funcionam quase como uma só, mas de forma que não está aparente de imediato. Aqueles que compõe a terceira fila sempre cedem seus lugares aos da segunda fila, o que, à primeira vista, parece indicar que eles não estão propriamente na fila...

A primeira fila possui a área de espera, o ponto em que se paga o *ticket* (o caixa é o ponto em que a fila encontra a área da barraca) a área em que se recebe o prato pronto e a saída da fila, que coincide fisicamente com a parte final da barraca. A segunda/terceira fila encontra a barraca exatamente onde os festeiros da fila principal saem da parte de fora da barraca com seus pratos na mão. Ali há uma placa: Atendimento de equipistas. Essa segunda fila não gera receitas: ninguém ali paga nada no caixa, e os que estão nesta fila apenas apresentam um *ticket* diferente dos *tickets* que o caixa entrega a um festeiro quando ele compra seu prato. A comida servida nas duas filas é exatamente a mesma, já que há apenas uma forma e uma linha de produção. Do ponto de vista do controle, há uma especificidade: o *ticket* gerado por uma venda vai para uma caixa diferente de onde são colocados os *tickets* entregues por pessoas da segunda fila. Existem dentro da barraca duas caixas, ambas forradas de fórmica branca e trancadas com cadeados, que possuem uma fenda por onde passa facilmente um *ticket* de papel, mas com tamanhos bem distintos, uma bem maior e outra pequena. Na maior são depositados os *tickets* vendidos e na menor os da segunda fila. Trata-se de sistema de controle das receitas geradas e da produção realizada em cada barraca, e seu papel é certamente o de controle, não dos equipistas da barraca, mas do(s) caixa(s) que ali trabalha(m).

Dentro da barraca funcionam a linha de montagem da comida e o(s) caixa(s). O caixa é a pessoa que vende o *ticket* ao festeiro. O caixa não participa da preparação da barraca antes do início da festa nem está na barraca por ocasião da oração de abertura da festa. E sua saída da barraca é que indica que os trabalhos, naquela barraca, estão encerrados naquela noite. É curioso notar que os demais equipistas parecem não conhecer o nome dos caixas que trabalham na barraca. No período em que observei intensivamente a barraca do espagete – cerca de seis noites – notei que nas quatro últimas os caixas não foram os mesmos (nas duas primeiras noites não estive atento aos caixas), o que sugere

fortemente que eles não são fixos, eles estão sempre em rodízio em barracas diferentes e isso só pode ser proposital. Ela ou ele é sempre nomeado para caixa pelos demais membros da barraca. Os demais equipistas dentro da barraca do espaguete sempre se conheciam pelo nome, faziam brincadeiras uns com os outros como velhos amigos, o que nem de longe acontecia com os caixas, nem entre si nem com os equipistas da barraca.

O caixa sempre chega na barraca ao final da oração de abertura da festa. Ele sempre porta uma caixa de madeira, a caixa de dinheiro (CD), forrada de fórmica por fora e com madeira aparente por dentro. A CD é transportada sempre trancada por cadeado e o caixa com a CD só circula fora da barraca, acompanhado por pelo menos um segurança da festa. Dentro da CD, que se parece muito com a gaveta de uma caixa registradora comum, há um espaço para acomodar cédulas, outro para moedas, organizadas por seu valor, outro para os *tickets* para venda e uma maquineta de recebimento por cartão (aceitam tanto a função crédito quanto débito para as bandeiras Mastercard, Visa e American Express). Outros meios de pagamento como *tickets* alimentação não são aceitos, tampouco cheques. O sistema de duas caixas para depositar os *tickets* (assim como a identidade visual dos *tickets*, que é diversa) faz parte do controle das receitas geradas no caixa e serve para verificar para onde fluiu a produção, se para a primeira ou segunda fila. É também interessante notar que o caixa sempre verifica as cédulas acima de 20 reais recebidas e que ele demonstra estar treinado para saber detalhes que distinguem cédulas falsas de verdadeiras com grande agilidade, o que denota intenso cuidado e treinamento prévio, algo que raramente encontramos, como consumidores, no varejo de alimentação. Conclui-se, portanto, que grande cuidado e atenção são dedicados ao treinamento dos caixas, assim como são intencionalmente separados do treinamento e socialização com os demais equipistas.

Por outro lado as questões detectadas sobre o caixa dentro da dinâmica da barraca do espaguete permitem refletir sobre a sociabilidade da barraca por outro ponto de vista. Como o caixa não tinha nome – era tratado apenas por caixa, podemos concluir que se tratava de um estranho para a equipe do espaguete 2. Parece certo que tal não se dê por mero acaso. Por isso, cabe a indagação do por que da organização colocar na função de caixa pessoas estranhas aquele grupo específico de equipistas. A função de controle do que ali se passa parece a melhor resposta. Por exemplo, o fato do caixa sempre conferir as notas acima de vinte reais possuem ou não elementos característicos de cédulas verdadeiras aponta para o fato de terem sido treinados para tal. E tal treinamento só faz sentido se existe a possibilidade de a festa receber notas falsas, o que parece bastante provável, dado que é a

feira popular, com grande fluxo de pessoas todas as noites, ambiente muito propício para se espalhar cédulas falsas de baixo valor unitário. Se a organização da parte financeira da festa toma tal cuidado com a eventual recepção de cédulas falsas ela deve também se acautelar de outros variados problemas em potencial e outros derivados de experiências passadas – de outras versões em anos anteriores da festa. Um de tais cuidados parece ser o de evitar o convívio entre equipistas e caixas, que poderia levar ao desvio de recursos arrecadados na festa. Um caixa estranho aos equipistas casa bem com esse tipo de cautela. O caixa é muito bem treinado e performa suas tarefas com grande presteza e zelo. É rápido no recebimento de dinheiro ou meios eletrônicos de pagamento. E é o total de tickets depositados na caixa de segurança de vendas que controla os valores que ele recebe, de forma que nenhum equipista manipula o dinheiro do caixa na barraca. Se um caixa precisa se ausentar momentaneamente a fila progride em ritmo mais lento até sua volta. Se há apenas um caixa – caso de barracas menores e de menor movimento – a fila literalmente para quando o caixa se ausenta. Tal questão aponta cuidado na seleção e treinamento dos caixas o que leva a que haja poucos deles: um grupo pequeno e muito bem treinado mas que não é selecionado.

Dentro da barraca do espaguete o número de equipistas trabalhando variou muito entre de um mínimo de 10 a um máximo de 22. A divisão das tarefas colocava sempre um ou dois homens recebendo o espaguete pré-cozido entregue pela equipe de logística da barraca. Esses equipistas armazenavam o espaguete (que vinha dentro de grandes caixas plásticas tipo *tupperware*, devidamente tampadas) em prateleiras embaixo da bancada de trabalho. À medida que se fazia necessário, eles pegavam as grandes caixas plásticas e retiravam o espaguete pré-cozido e o colocavam dentro de grandes panelas com água fervente posicionadas em cima de fogões industriais (dois). O passo seguinte era transferir o espaguete aquecido para largas tigelas de plástico, de onde era dividido em porções por outra dupla de equipistas e colocado nos pratos de isopor descartável. Em paralelo, duas grandes panelas mantinham aquecido o molho de tomate de receita secreta. As duas panelas, mais altas que largas, possuíam cada uma um pequeno motor elétrico que mantinha o molho em permanente movimento, em ação semelhante a alguém que mexe o molho em movimentos circulares dentro da panela. A linha de montagem dentro da barraca do espaguete possuía inclusive elementos de automação, portanto. O molho era então porcionado sobre o espaguete quente com uma concha de tamanho padronizado. Em seguida, o prato era entregue a um último equipista, que porcionava o queijo parmesão ralado sobre o espaguete com molho e o entregava ao festeiro da vez na parte final da fila,

adicionando uma fatia de pão italiano ao prato.

Toda a linha de montagem da barraca do espaguete era duplicada, ou seja, sempre havia dois equipistas realizando a mesma tarefa. Sempre havia pratos sendo entregues, a linha não parava nunca enquanto houvesse um festeiro aguardando o prato depois de ter pago. O gargalo do fluxo era claramente o ritmo dos dois caixas, que realizavam sua tarefa em ritmo um pouco mais lento que o dos equipistas da barraca. Era também claro que sempre havia na barraca equipistas em excesso, muito mais que o necessário para manter o ritmo de serviço. Por isso, parece claro que o excesso de equipistas é intencional: não se pretende maximizar o uso do trabalho dos equipistas. Pelo contrário, o objetivo parece ser o de dar flexibilidade ao modo de produção, evitando qualquer tipo de estresse nos equipistas. Tal projeto de fato encontra sucesso na barraca do espaguete. Todos trabalham felizes, têm períodos de descanso relativamente longos e frequentes e se alternam nas tarefas com alto grau de colaboração. Embora esteja claro que há uma liderança na barraca, Silvia, ela não impõe sua autoridade. Acima de tudo se coloca como uma entre outros equipistas. Na verdade, ela e seu marido, Vanderlei, são o casal líder da barraca, mas ele foca no abastecimento, na interface com a logística da festa e na comunicação com a organização, enquanto Silvia se encarrega do trabalho dentro da barraca com os demais equipistas. Silvia trabalha no final da linha de produção entregando o prato de espaguete pronto aos festeiros. Ela é a pessoa que mais conversa com os demais na barraca. Mobiliza sempre o bom humor, acompanha cantando as músicas em italiano nos alto-falantes da festa, dança, sempre falando alto, o que ajuda a compor a italianidade dela própria, da barraca e, por fim, da própria festa. Por exemplo, ela grita, sempre com bom humor e rindo:

– Solta a fila caixa!! – referindo-se ao caixa que demora em seu trabalho e mantém festeiros esperando para pagar na fila principal, mas não há nenhum festeiro para receber a comida na parte final da fila. Silvia quer trabalhar mais, portanto...

– Olha o Alex no telefone!! – ao notar que Alex está novamente no celular e isso o distrai do trabalho de esquentar o espaguete. Os demais equipistas riem.

– Olha a *selfie*!! – quando um festeiro, ao receber o prato, tira uma *selfie* com equipistas ao fundo. É uma senha para que três ou quatro festeiros se coloquem logo atrás do festeiro para aparecer sorrindo na *selfie*. Todos riem, especialmente quando Silvia, imediatamente em seguida grita: – A gente não apareceu!!

– O Fernando chegou, gente!! (ele estava mais de duas horas atrasado; risos...).

– Cadê o molho?! (para molho atrasando o serviço. Em seguida: – Soltaaaa o molho!!

– Para prato! – para suspender o ritmo de montagem dos pratos enquanto a fila de festeiros se recompõe...

A informalidade nas interações face a face dentro da equipe é a regra, portanto. Não foi observada nenhuma situação do mais leve estresse entre equipistas dentro da barraca do espaguete nas oito noites de observação. Pelo contrário, ali todos se divertem e muito. Em outras barracas não observei clima de tanta alegria, mas o clima é sempre informal, embora seja altíssimo o comprometimento com o fluxo da fila, que, repito, nunca para. Está claro que o compromisso de todos na barraca com o fluxo da fila, em permanente movimento para atender os festeiros, não encontra nenhum mínimo sinal de objeção pelos equipistas: todos sabem perfeitamente que estão ali para cumprir essa missão, acreditam na importância dela e nada os desvia disso. Mas, repito, o clima é extremamente alegre, tal como preconiza o estilo italiano de ser: cantam e riem alto, fazem piadas uns dos outros e com os caixas (que também se divertem com as piadas). Todos na barraca do espaguete (exceto, como já dito, os caixas) se conhecem pelo nome e demonstram se conhecer há bastante tempo, tratando-se por apelidos, se tocando sem cerimônias e com intimidade.

O que se vê é um grupo coeso, que se reconhece como equipista. São membros de uma equipe e uma equipe com propósito específico: serem voluntários na festa de NSA. É certamente sua identidade e é assim que a anunciam aos festeiros. A organização da festa, que controla os alto-falantes, também os reconhece desse modo, tanto que assim os nomeia nos alto-falantes no convite para a oração de abertura da festa. Ser equipista define, nos termos dos próprios equipistas, quem eles são ali, naquele momento e naquele lugar. Não é apenas um papel que desempenham para cumprir uma tarefa. Eles compareceram a várias reuniões para treinamento prévio, se conhecem há anos, são amigos, comungam do mesmo credo, tem visões de mundo e valores ético-político-morais muito semelhantes e têm uma missão (não uma tarefa) a cumprir durante a festa. Cumprem a missão voluntariamente. A organização da festa vê a presença de equipistas muito além do número suficiente, como parte da própria festa. Assim, percebemos que a festa é também para os equipistas, e não apenas para gerar fundos para a igreja. A festa constitui também (além de outros objetivos a cumprir) na celebração dos equipistas para si mesmos, para estarem juntos. Maffesoli trabalha com textos de Simmel para chegar à socialidade contemporânea, tendo como fundamento central sensibilidades e experiências do vivido sensível na vida cotidiana. As questões do campo econômico e profissional (tal como na modernidade racional e objetiva), embora relevantes, são insuficientes para compreender os “movimentos de convergência”

que aliam o racional com o sensível. Maffesoli usa ainda o conceito de “afinidade eletiva” de Goethe para analisar as relações peculiares entre pessoas sem que exista qualquer determinação de causalidade direta para que tal ocorra (MAFFESOLI, 1998, p. 73)

Parte-se aqui do conceito de sociabilidade de Simmel (1983, p. 170):

... Quando os interesses específicos (em cooperação ou conflito) determinam a forma social, são estes interesses que impedem o indivíduo de exibir sua peculiaridade e singularidade de modo tão ilimitado e independente. [...] O tato é aqui, portanto, de peculiar importância: onde nenhum interesse egoísta imediato ou externo dirige a auto-regulação do indivíduo em suas relações pessoais com outros, é o tato que preenche essa função reguladora.

Segundo Maffesoli, nossas escolhas ocorrem a partir de uma racionalidade que se constrói a partir da sensibilidade (e não em oposição a ela), são as “razões sensíveis” que produzem a socialidade de base (*socialité*). A socialidade conecta os indivíduos ao mundo tendo como ponto de partida o sentimento de pertença, tal como vemos entre os equipistas da barraca do espaguete. É exatamente a partir de suas sensações e sensibilidades, portanto, de sua estética (entendida aqui como emoção e não racionalização) e a partir das interações com outros equipistas, festeiros e organização da festa, todas calcadas no senso comum, que se estabelece e se reforça o vínculo comunitário. É tal construção que dá combustível às identificações e molda as identidades dos equipistas. Para Maffesoli, “o ideal comunitário das tribos pós-modernas baseia-se no retorno de uma sólida e rizomática solidariedade orgânica” (2010, p. 39). A solidariedade que cimenta a tribo se estabelece a partir das trocas e das relações de proximidade sensíveis, nas interações dentro dos grupos. O conceito aqui mobilizado é o de proxemia, a questão de se estar próximo aos demais. Proximidade tanto no aspecto espacial como por dividir o mesmo estilo e valores, no plano do simbólico, portanto. A proxemia é a expressão do modo de estar junto compartilhando o sensível, a percepção de sentir o mesmo, em comunhão (MAFFESOLI, 2006).

Uma contribuição importante para o caso da italianidade são as reflexões de Bechelloni (2007, p. 107), que afirma que

a italianidade origina-se coerentemente de uma pluralidade de fontes e é um produto típico da interação e da comunicação que estão sendo construídas por movimentos da população (os inúmeros grupos de migrantes que entram na Itália e dela saem) e por movimentações de bens e dinheiro, de idéias e obras da mente humana.

Tais considerações apontam a pertinência de se considerar a Festa de NSA e a achiropicidade com mais uma entre diversas manifestações de italianidade. Por fim, cabe reafirmar a concepção de que a festa de NSA é um nó, um ponto de intensificação e aglutinação de símbolos e valores culturalmente marcados de uma extensa rede. Uma rede

de significados, produtos e manifestações da cultura da metrópole paulistana, em que culturas diversas dialogam e mutuamente se influenciam numa recursividade sem fim.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMANN, Gerd. **El enigma Multicultural. Um replanteamiento de las identidades nacionales, étnicas y religiosas**. Madrid: Paidós, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BECHELLONI, G. **A italianidade como recurso cosmopolita**. Matrizes, 1(1) 99-116, 2007. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017362006>. Acesso em 05/07/2013.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2004.

ELHAJJI, M. **O Papel da comunicação cultural na construção de espaços identitários transnacionais**. Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos: Intercom, 2007. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1562-1.pdf>.

\_\_\_\_\_. **Communication Interculturelle et Nouvelles Formes de Négociation de la Citoyenneté**. Paris: Diogène (Ed. Française), 2008.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro – Montreal: Conexões transnacionais, Ruídos interculturais. In COGO, D.; ELHAJJI, M.; PUETAS, A. (orgs) **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Barcelona: Institut de la Comunicació e Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Oficinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

\_\_\_\_\_. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2010.

SIMMEL, Georg. O Estrangeiro. In: MORAIS FILHO, E. de (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (orgs). **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana / Gilberto Velho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013a.

\_\_\_\_\_. Trajetória individual e campo de possibilidades. In VIANNA, Hermano; KUSCHNIR, Karina; CASTRO, Celso (orgs). **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana / Gilberto Velho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013b.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2004.